

A silhouette of a person standing on a hillside, looking out over a vast mountain range under a hazy, golden sky. The person is wearing a jacket and has their back to the camera. The landscape is layered with mountains, and the overall atmosphere is serene and contemplative. The text is overlaid on this background.

RITO

Origem, Conceituação e Vivência



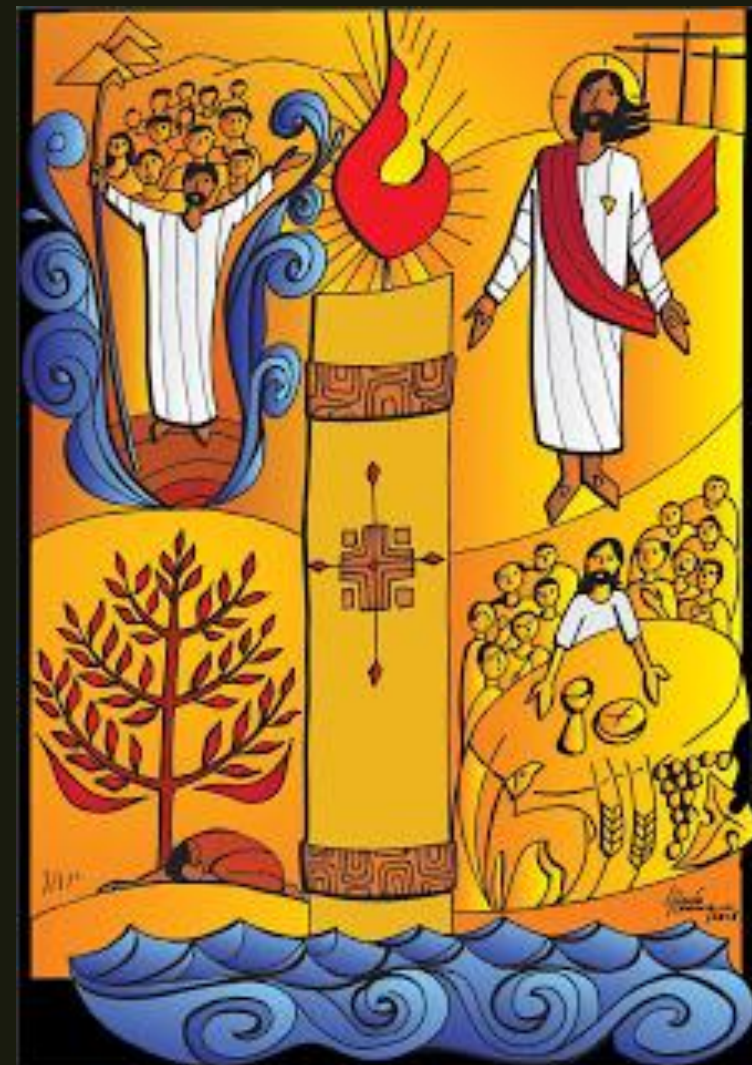
“A liturgia é um lugar
teológico, um espaço
privilegiado da revelação
e da experiência de
Deus”.

(Ione Buyst)

Ritos e símbolos na dinâmica iniciática

Os ritos e símbolos estão presentes em todas as sociedades, culturas e religiões. Conceituar, entender e compreender o que é rito e símbolo, como eles funcionam e como o ser humano se relaciona com eles é o primeiro passo para se entender a dinâmica e lógica da ritualidade em geral.

Vale a pena salientar que não basta apenas uma transmissão oral da fé; é preciso ir além da fala e fazer com que a fé seja experimentada pelos sentidos e celebrada através dos ritos e símbolos. A ação litúrgica, enquanto rito, supõe regras ligadas à Tradição, e entender seus códigos é essencial para visualizar o mistério celebrado.

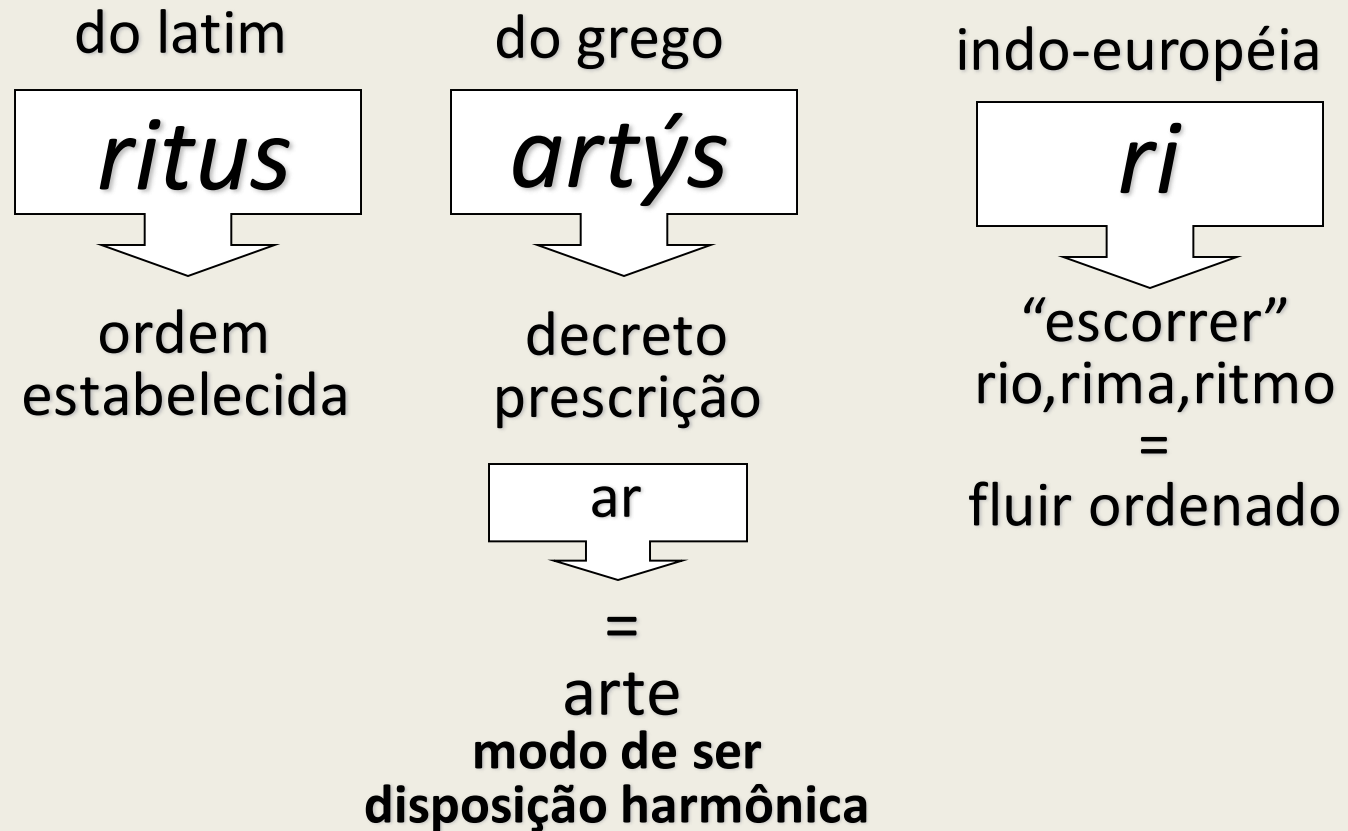


O Rito: Conceito e definições

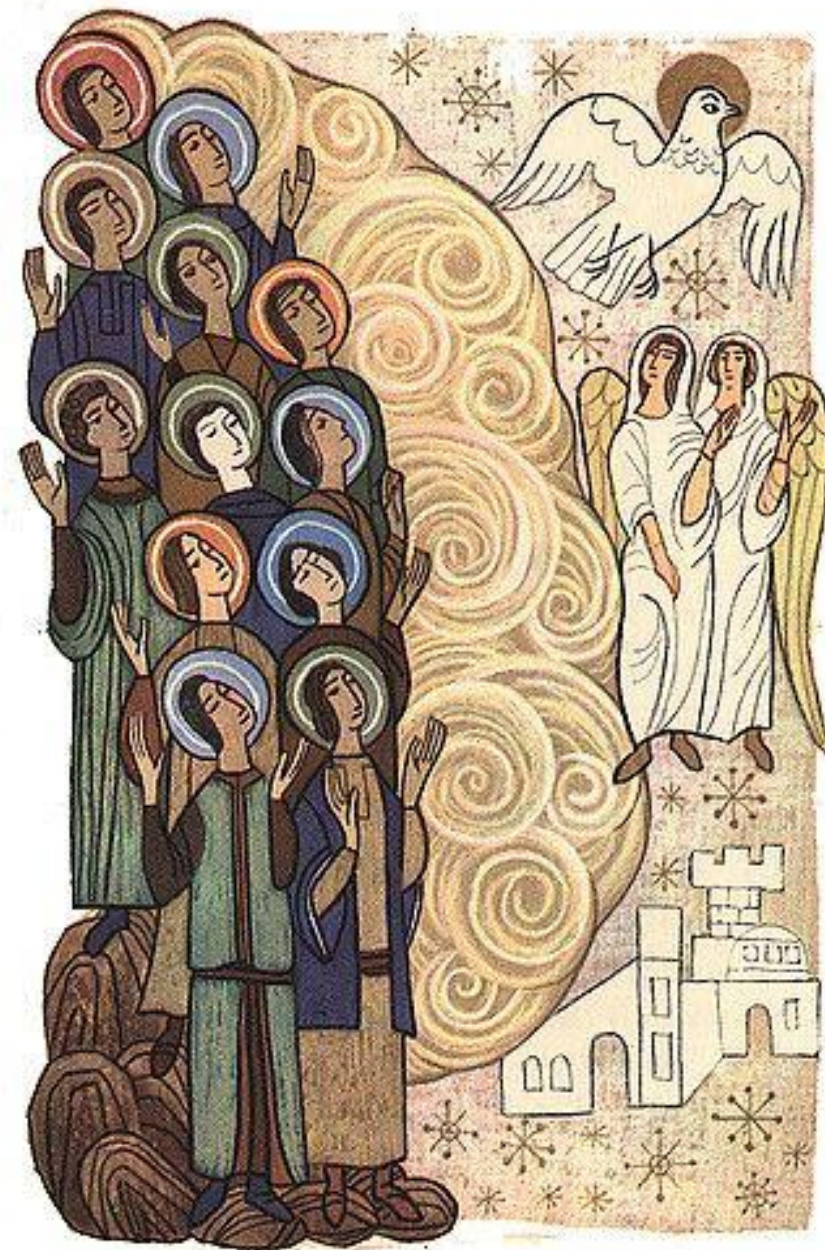
Rito vem do latim *ritus*, que indica ordem estabelecida e, mais atrás, liga-se ao grego *artýs*, com o significado também de “prescrição, decreto”. Mas a verdadeira raiz antiga e original parece ser a de ar (modo de ser, disposição organizada e harmônica das partes no todo), da qual derivam a palavra sânscrita *rta* e a iraniana *arta*, e, em nossas línguas, os termos “arte”, “rito”, “ritual”, família de conceitos intimamente ligados à ideia de harmonia restauradora e à ideia de “terapia” como substantivo ritual.

Rito também poderia ter, em sua base, a raiz indo-europeia *ri*, que significa “escorrer” e, nesse sentido, ligar-se-ia ao significado que têm as palavras “ritmo”, “rima”, “rio” (*river*), sugerindo, respectivamente, o fluir ordenado de palavras, da música e da água.

A origem da palavra RITO



Na observação das diversas raízes que dão origem à palavra rito, pode-se afirmar que rito é a ordem estabelecida ou prescrita por um grupo, trazendo harmonia e ritmo, fazendo com que a ação flua ordenadamente. “O rito coloca ordem; classifica; estabelece as prioridades; dá sentido do que é importante e do que é secundário”, permitindo o homem viver num mundo organizado e não caótico, que, do contrário, apresentar-se-ia a nós hostil, violento.



**A liturgia ou rito, tem um ritmo
que acompanha o corpo humano**

Ápice



Repouso

Convém ainda apontar para a diferença entre “rito”, “ritual”, “ritualidade” e “ritualismo”

RITO faz referência a uma ação realizada em um determinado tempo e espaço, diferentes das ações da vida e do comportamento cotidiano, realizadas no seio de uma religião ou de uma cultura e reconhecidos como tais. Fenomenologicamente falando, é uma ação sagrada repetitiva, composta de ação e de palavra, que “manifesta um agir holístico” que não é do tipo instrumental e não pretende induzir uma causação normal entre meios e fins”.

RITUAL, é um “conjunto de ritos, geralmente descritos nos livros, chamados de rituais”. Ainda, o “texto exemplar para a execução dos ritos e das liturgias.”

RITUALIDADE é a ação do ser humano que envolve todas as suas dimensões ao realizar o rito, é um agir “holístico”(corporeidade, afetividade, inteligência, espiritualidade) Por ritualismo entende-se como o “rito reduzido ao formalismo, a exterioridade, sem dimensão simbólica, sem suficiente atenção ao sentido que expressa e sem envolvimento afetivo.”

Houve ou há uma grande tendência de ridicularizar ou abandonar os ritos, seguindo nisso, os estímulos racionais da sociedade. Mas à medida que observamos alguns abandonos das práticas rituais, principalmente a religiosa, veem-se, quase simultaneamente surgirem outras práticas próprias de determinadas áreas culturais, típicas, como por exemplo, as dos adolescentes ou dos jovens. Os ritos e sua complexa presença na vida dos homens devem ser considerados de ordem fundamental, pois tais rituais marcam e preservam a identidade de um povo, sendo assim um guia de orientação de uma sociedade. Nesse sentido, é absurdo pensar que se possa haver uma religião totalmente sem regras, sem liturgia, sem sinais e símbolos. Assim é importante entender e compreender a lógica do rito, qual a sua dinâmica em vista da ritualidade.





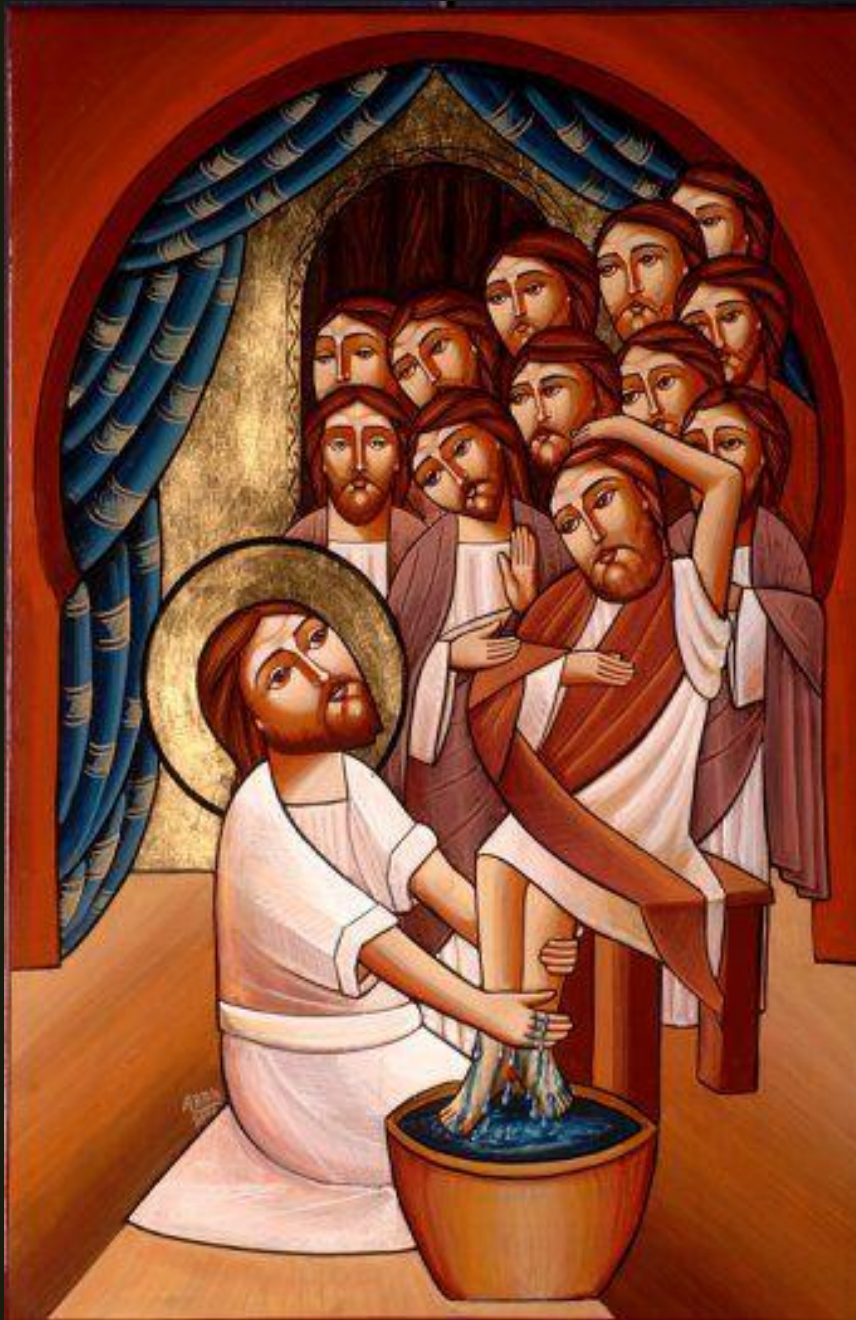
As dificuldades mais sérias dos cristãos, para fazer da celebração um momento de autêntica experiência de fé, não parecem ter muito a ver com a possível obscuridade dos ritos em particular, mas com um alheamento mais generalizado da sensibilidade contemporânea em relação à linguagem ritual como tal. Entre as atitudes que hoje tornam mais difícil a experiência ritual, lembramos o secularismo, o espiritualismo e o individualismo. É necessário, portanto, educar para o rito e estimular a compreensão do comportamento ritual.

O fenômeno ritual abrange o universo inteiro, o homem, mesmo na sua vida “profana”, recorre a ritos, que, em razão de suas formas estáveis e controladas, acompanham, favorecem e comprometem a comunhão interpessoal. A Ritualidade é, pois, um conjunto coerente que, dentro de um determinado sistema cultural, instaura um “campo simbólico” que permite situar-se ou retrair-se um diante do outro, estabelecer relações, reconhecer valores.

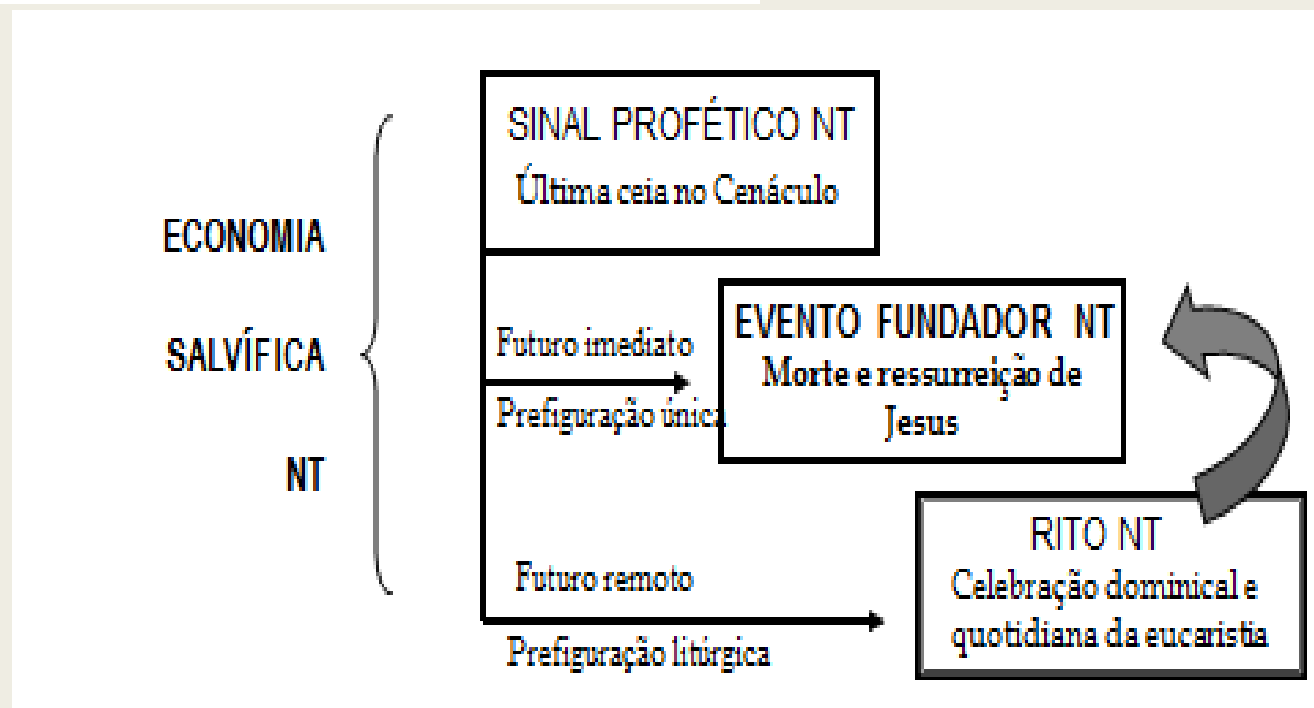
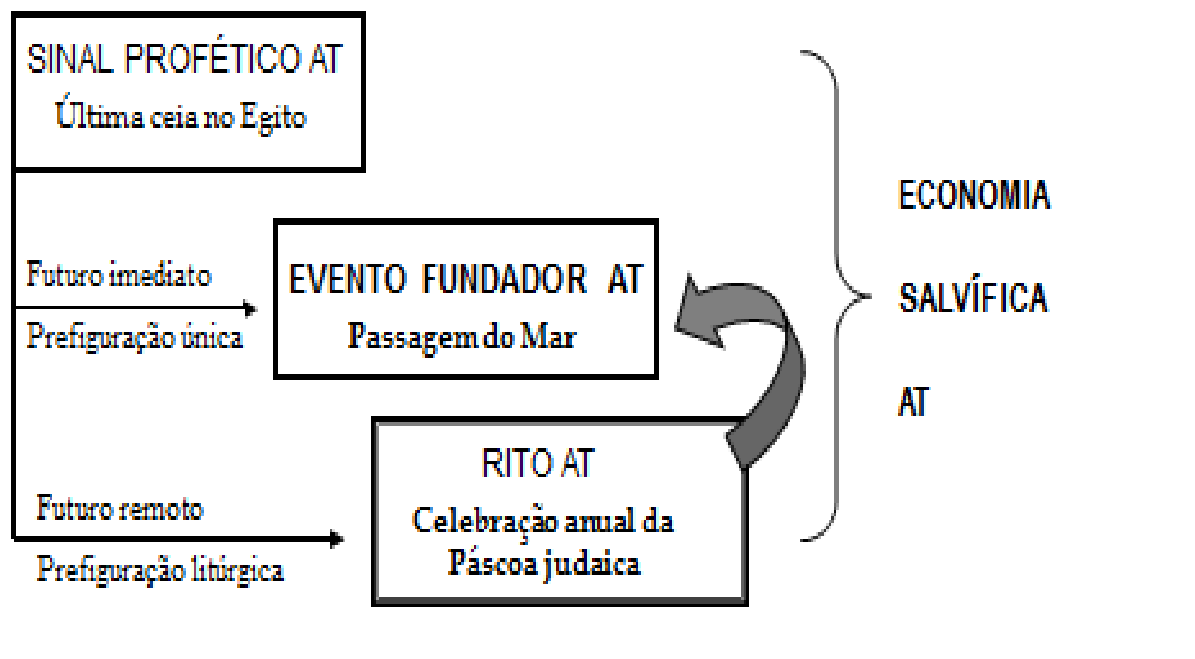


A característica mais singular do rito é a sua repetitividade. O rito é uma ação programada e repetitiva. Para entender o sentido desse aspecto, é preciso considerar antes que a atuação ritual faz parte de um quadro mais amplo de socialização como conjunto de processos, constantes e repetitivos, dentro dos quais o sujeito se integra com os outros. O rito nasce quando um determinado grupo humano percebe a necessidade de uma integração mais profunda, não somente entre os seus membros e com outros grupos humanos, mas com uma totalidade da realidade que se sobrepõe a todos e que jamais se consegue dominar por completo. Trata-se de uma forma de socialização com o sagrado ou o transcendente.

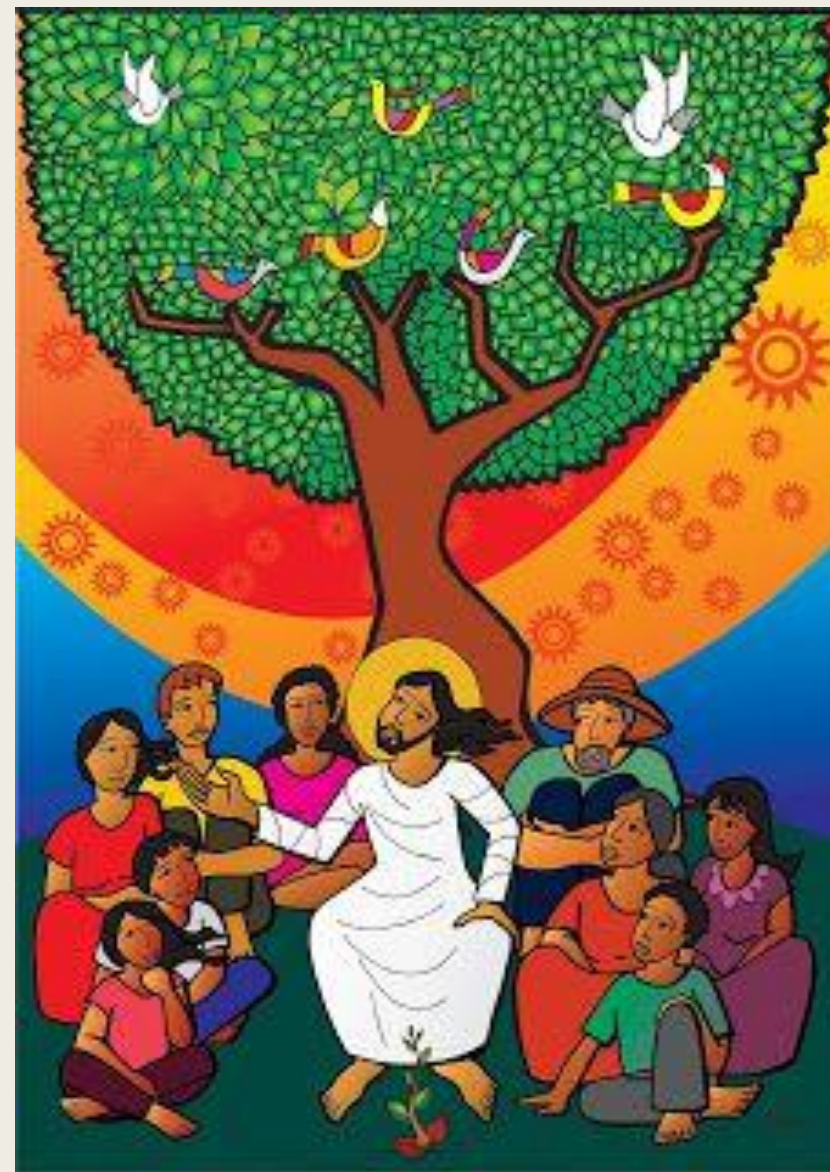




A repetição do rito cristão como no hebraico é memorial ou comemorativa. Mediante o conjunto das ações simbólicas ritualizadas, com as quais são constituídas as suas celebrações, a Igreja proclama que Deus opera, no ato litúrgico, o efeito salvífico das ações históricas passadas das quais ela faz comemoração. Naturalmente no contexto cristão, no centro do memorial, está o acontecimento Cristo.



O rito religioso opera uma integração perfeita em dois níveis distintos, mas interdependentes: o primeiro e mais profundo é com o sagrado ou a realidade transcendente; o segundo é com o próprio grupo. Pode-se, portanto, afirmar que qualquer religião está ameaçada de desaparecer ou de degenerar em gnose ou moralismo, se perder o sentido e o ritmo do rito.



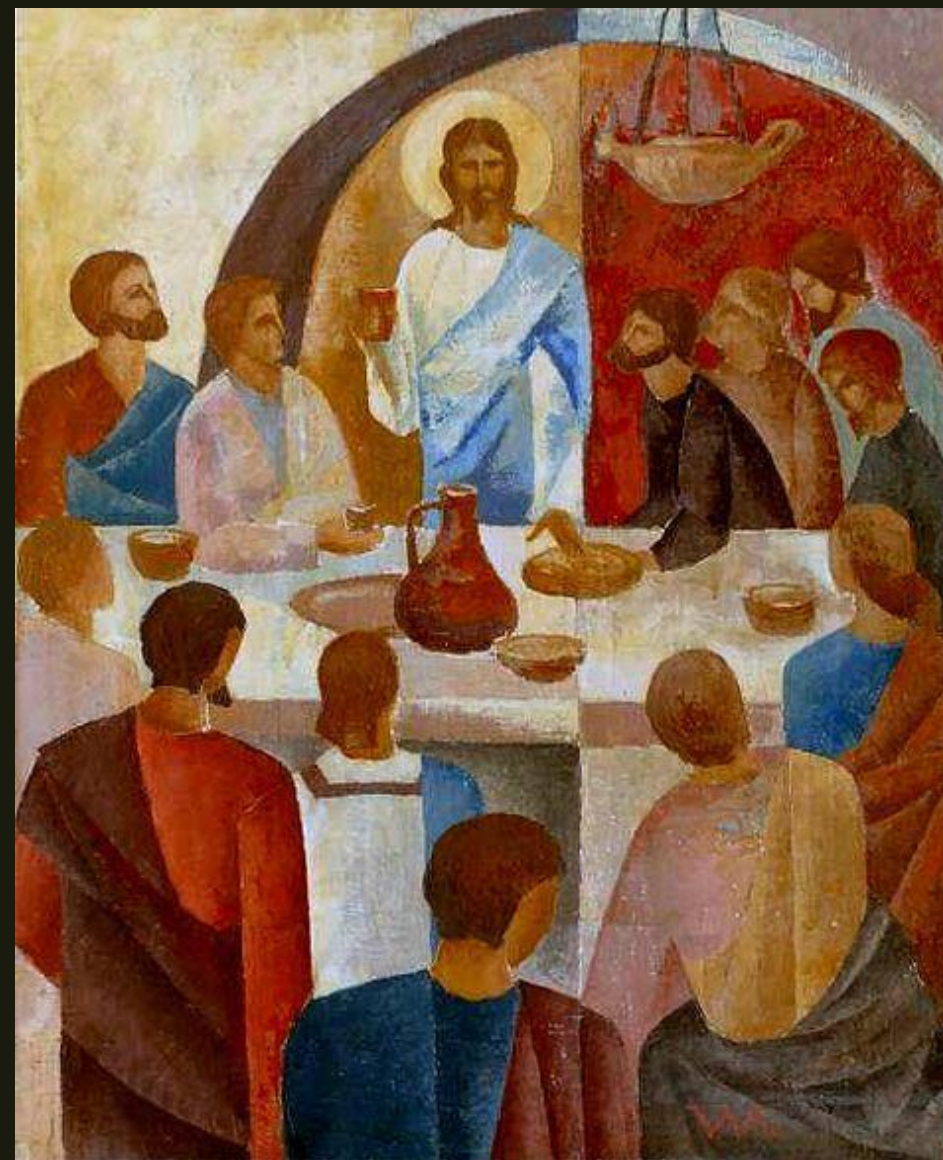
O fato de o rito religioso ser considerado em primeiro lugar como uma linguagem, na qual a relação homem e transcendente se manifesta, é fundamental. A fé em Deus, o sentido de Deus, a escuta de Deus e o voltar-se para Ele são a matriz radical do autêntico rito religioso. Se não existir esta afirmação de Deus, ou então se ela não se realiza por meio do rito, esse mesmo rito se torna formalismo. A fé exige ser celebrada quanto exige ser vivida. O rito religioso perde o seu sentido quando já não funciona como linguagem na qual o crente exprime a sua comunhão com Deus.





Não vale tentar ‘depositar’ conteúdos teológico-litúrgicos, vindos de fora, a serem assimilados pelas pessoas. Não basta explicar como se deve executar ‘direitinho’ um determinado rito, levando em conta apenas os gestos a serem feitos e as palavras a serem pronunciadas ‘validamente’. Não vale tampouco criar uma atitude ‘piedosa’, ‘espiritual’, ‘devota’..., *independente* da ação ritual realizada. Muito menos ainda, deve se deixar a pessoa fazer as coisas como achar melhor, inventar, ‘criar’ à vontade, dar a explicação que quiser...; afinal, a liturgia não nos pertence: é uma herança que nos foi confiada; somos responsáveis por sua transmissão (‘tradição’ no sentido original da palavra).

O único caminho eficiente e responsável é o da *mistagogia*, conduzindo a pessoa para dentro do mistério, partindo da própria ação ritual; levar a pessoa, gradativamente, a *participar* de forma ativa, consciente, interior, plena, frutuosa... da ação ritual em toda sua complexidade, atingindo o ser humano em todas as suas dimensões



Sinal Sensível

- “Assim como este óleo penetra em seu peito...”



Realidade Referente

...Cristo penetre em sua vida”

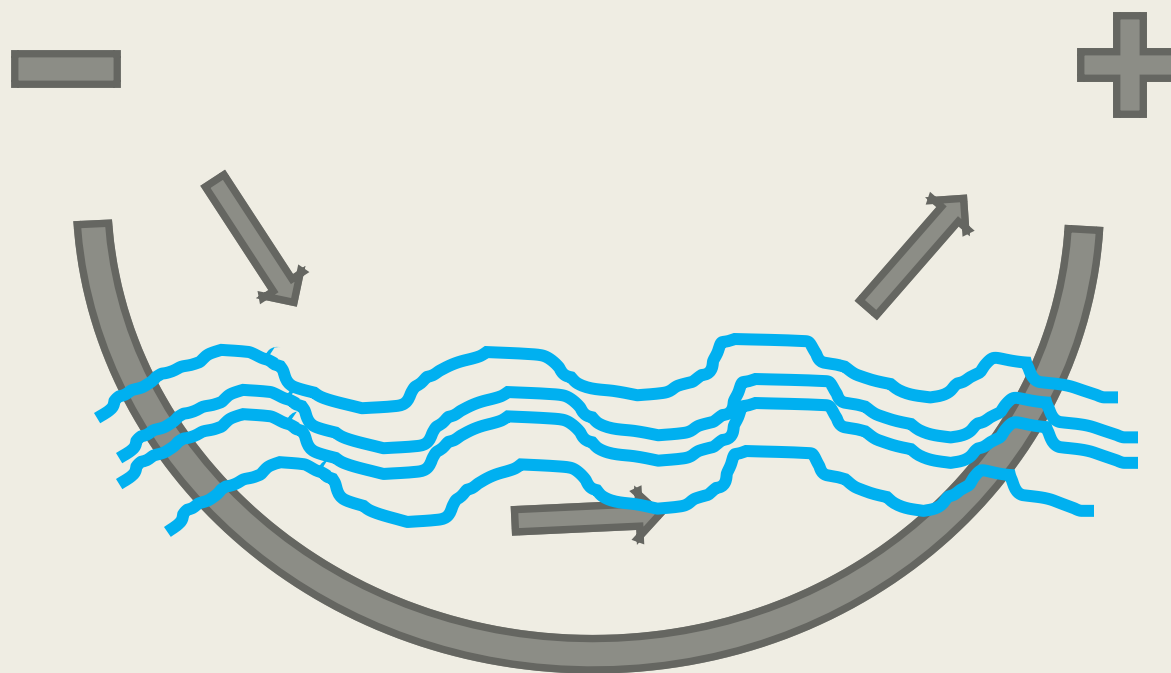


Cirilo de Jerusalém:

“Fostes ungidos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. Cortados da oliveira bravia, fostes enxertados na oliveira cultivada e vos tornastes participantes da abundância da verdadeira oliveira. O óleo exorcizado era símbolo, pois, da participação da riqueza de Cristo. Afugenta toda presença das forças adversas. Como a insuflação dos santos e a invocação do nome de Deus, qual chama impetuosa, queima e expele os demônios, assim este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma tal força que, queimando, não só apaga os vestígios dos pecados, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno”.

- CIRILO DE JERUSALÉM, 2004. p. 33.

Sentido positivo e negativo do símbolo



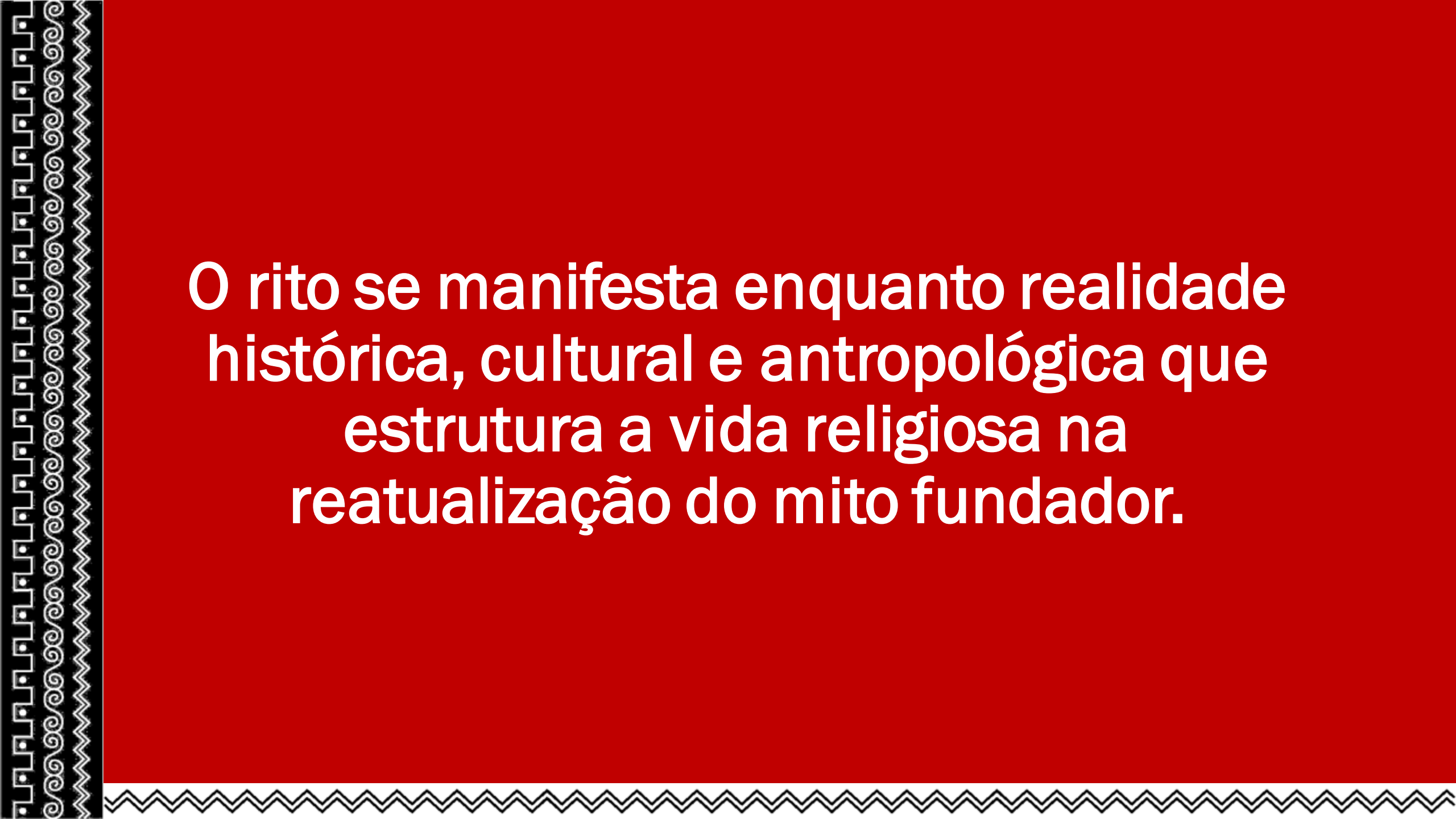
Fonte Batismal



Para que haja uma verdadeira participação, cada um/a de nós, como membro da assembleia, precisamos ‘subjeter’ as ações objetivas da liturgia, ou seja, assumir subjeterivamente, com todo o nosso ser, aquilo que a liturgia nos propõe. Devemos entrar com toda a nossa pessoa, com toda a nossa história, todos os nossos projetos e desejos, como atores e atoras do rito, como agentes, e não como plateia, não como espectadores ou espectadoras. Só assim seremos capazes de adentrar, com todo o nosso ser, o mistério celebrado na liturgia.

Ainda, o rito não se identifica com a repetição obsessiva de um gesto do qual se desconhece o significado. Pelo contrário, ao longo da história, o rito sofre mutações que podem – e devem – ser corrigidas a partir do seu significado fundamental para a fé religiosa: a compreensão da ritualidade litúrgica em SC está intimamente ligada ao projeto de *reforma* e este, por sua vez, anuncia uma visão dinâmica do rito. Por isso, importa sublinhar o caráter ativo e participativo do rito.



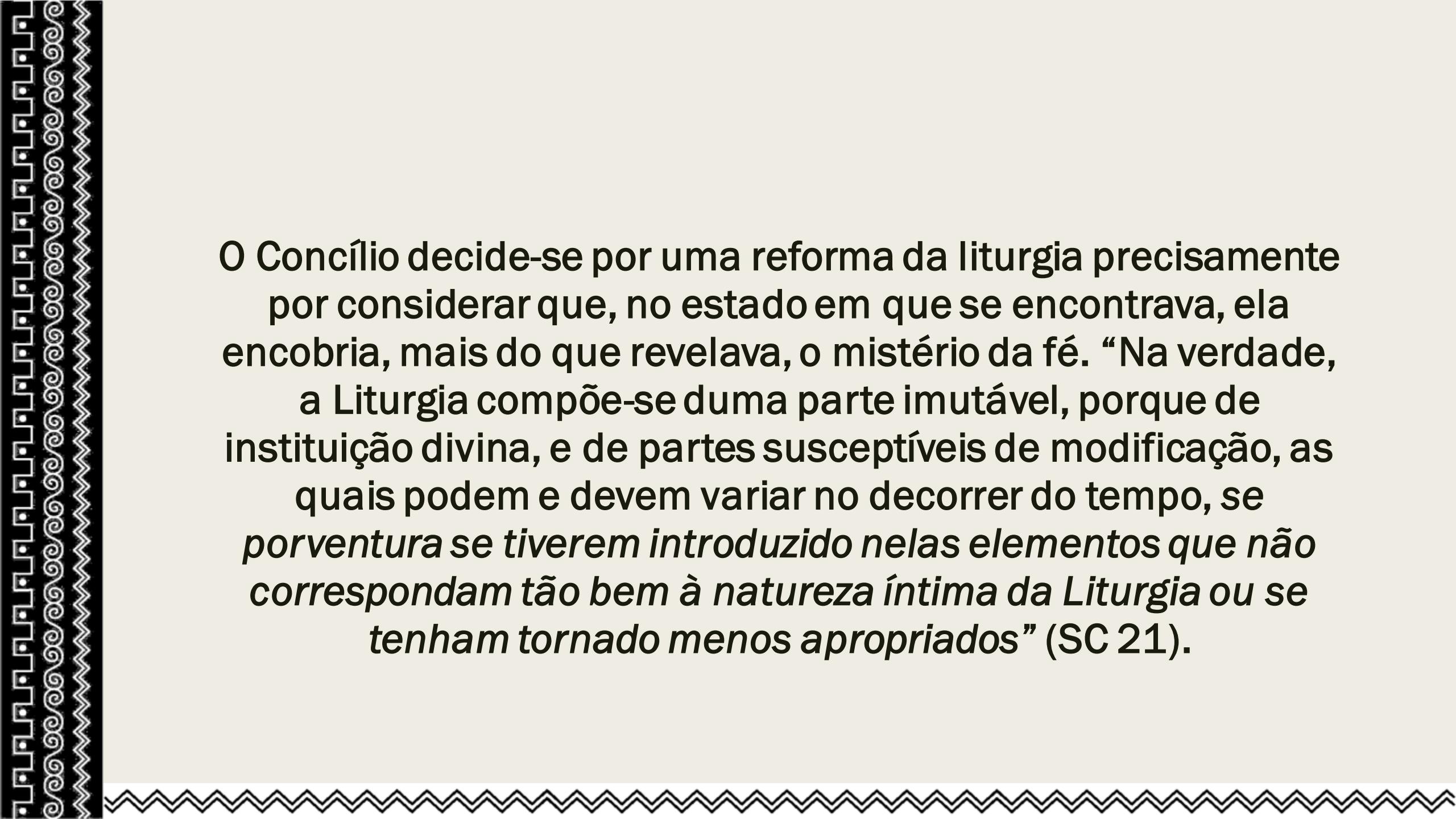


O rito se manifesta enquanto realidade histórica, cultural e antropológica que estrutura a vida religiosa na reatualização do mito fundador.

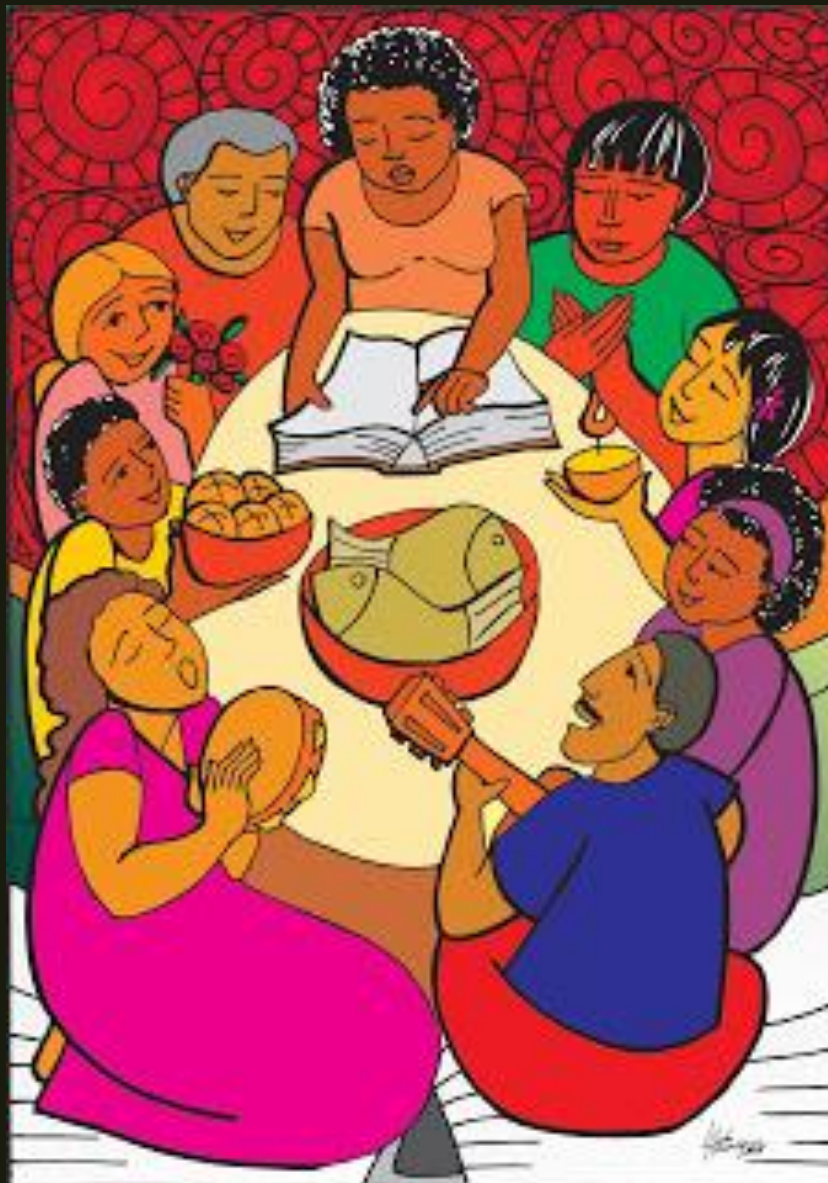
1. O rito é uma realidade HISTÓRICA

Expondo-se ao curso e aos efeitos da história, o rito corre o perigo de se transformar numa realidade ambivalente: por um lado, a repetição permite o acesso ao evento e ao rito fundadores. Mas, pelo outro lado, ao longo do seu desenvolvimento, o rito pode ver-se de tal forma sobrecarregado que acaba por se deformar, obscurecendo a referência ao evento e aos ritos originais.





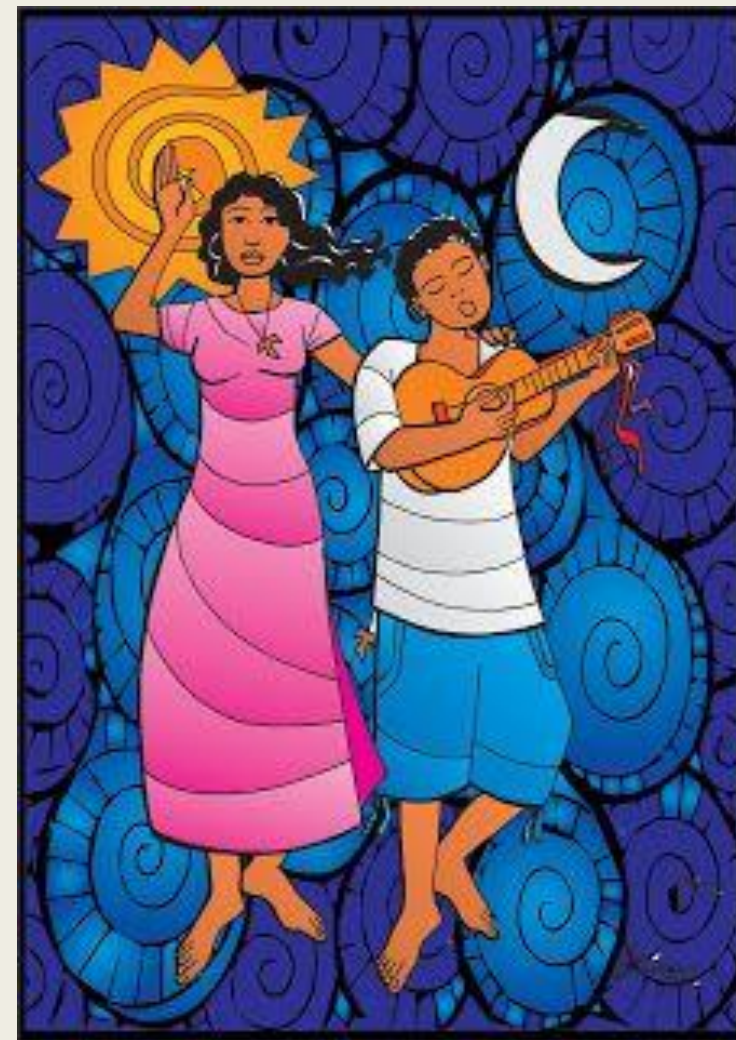
O Concílio decide-se por uma reforma da liturgia precisamente por considerar que, no estado em que se encontrava, ela encobria, mais do que revelava, o mistério da fé. “Na verdade, a Liturgia compõe-se duma parte imutável, porque de instituição divina, e de partes susceptíveis de modificação, as quais podem e devem variar no decorrer do tempo, se *porventura se tiverem introduzido nelas elementos que não correspondam tão bem à natureza íntima da Liturgia ou se tenham tornado menos apropriados*” (SC 21).



Segundo o Concílio, uma liturgia celebrada como um cerimonial faustoso, carregada de gestos e textos solenemente incompreensíveis, completamente apropriada pelo clero, não veicula de forma adequada o mistério da fé. Na reforma e incremento da sagrada Liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena e ativa participação de todo o povo porque ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão.

2. O rito é uma realidade CULTURAL

Existe uma profunda relação que entre o rito e a cultura. O rito não só se deixa impregnar pelos valores culturais do contexto social envolvente, mas é capaz de transformar esses mesmos valores. No caso do cristianismo, trata-se da relação do mistério de Cristo com cada cultura humana *através do rito* e, por consequência, da forma particular de viver e de celebrar a universalidade da fé.





A Igreja considera com benevolência tudo o que nos seus costumes não está indissoluvelmente ligado a superstições e erros, e, quando é possível, mantém-se inalterável, por vezes chega a aceitá-lo na Liturgia, se se harmoniza com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico (SC 37).

O rito é uma manifestação e um produto cultural. Neste sentido, o rito vive dos valores culturais dos grupos humanos, manifestando-os de forma simbólica. Em nível espacial podemos falar na *adaptação* aos costumes e à índole dos povos, esta deve ser compreendida no interior da atitude geral de *abertura e de diálogo com a modernidade* que caracteriza o *presente* do evento conciliar, tal como o ideal do *aggiornamento* deixa perceber. No rito, portanto, a relação da cultura com a fé – ou inculturação – deve seguir a lógica espacial da adaptação e o sentido temporal atualizador do diálogo.



3. O rito é uma realidade ANTROPOLÓGICA

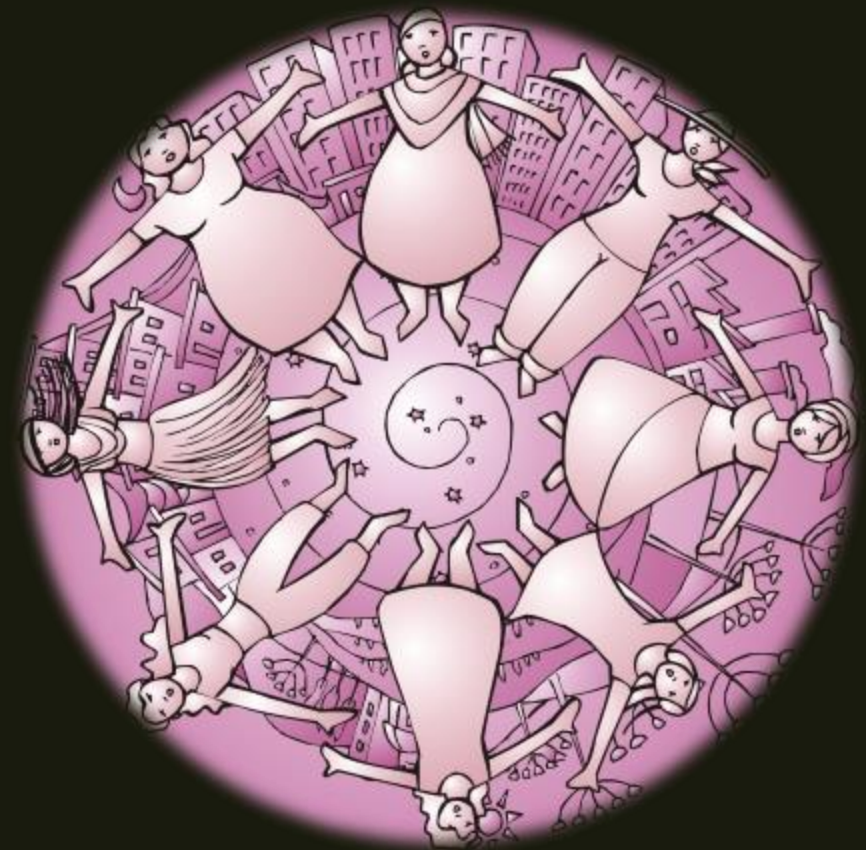


O rito é uma complexa estratégia comunicativa e expressiva que recorre a vários tipos de linguagem, códigos e meios expressivos. Podemos pensar o rito a partir desta multiplicidade: o rito é constituído por gestos rituais e por palavras de oração (SC 5, 33, 35, 48),³⁶ mas também por muitos outros recursos comunicativos e expressivos, como a música, “tanto mais santa quanto mais intimamente unida estiver à ação litúrgica”, a arte, o espaço, o tempo e a assembleia.



O rito não admite espectadores (SC 48), mas consiste num peculiar tipo de ação que implica todos e cada um dos presentes. O Concílio pede, por isso, repetidas vezes, que se promova a *participação ativa*. De igual modo, não deve deixar de observar-se, a seu tempo, um silêncio sagrado (SC 30).

A relação entre Deus e os seres humanos não é anterior nem extrínseca aos sinais litúrgicos, mas dá-se neles e através deles. Para além de ativa, a participação deve ser ainda *consciente e pia* (SC 11, 14, 21, 48), ou seja, em grau de implicar o corpo, o pensamento e a afetividade ou, talvez melhor, capaz de, *a partir do corpo*, envolver a razão e a emoção, de tal forma que, *ao participar no rito*, o ser humano entre *inteiramente* em relação com o Deus. A participação ativa corresponde, assim, à cooperação da liberdade humana com a graça divina (SC 11).



4. O rito estrutura a VIDA RELIGIOSA



O rito é o centro mais profundo e íntimo da vida religiosa, estruturando-a como sua “fonte” e seu “cume”: a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força.

O rito não esgota a vida religiosa (SC 9) mas é a sua expressão simbólica mais forte, na medida em que remete direta e intencionalmente para o referente da fé religiosa, ao mesmo tempo em que reforça os laços que unificam a comunidade.



Não se trata apenas de medir o tempo, mas de o viver como “tempo da salvação” e mesmo como antecipação do que está para além do tempo (SC 8). Um dinamismo semelhante ocorre em relação ao espaço, com a delimitação dos lugares onde se pode fazer a experiência da “chegada da salvação”. Assim, sempre que a assembleia se congrega, ela reencontra a sua fonte de sentido transcendente, em geral através da representação ritual do mito fundador, autoconstituindo-se como o cume ou o ponto mais alto da fé religiosa.



5. O rito compreende-se à luz do MITO que ele atualiza



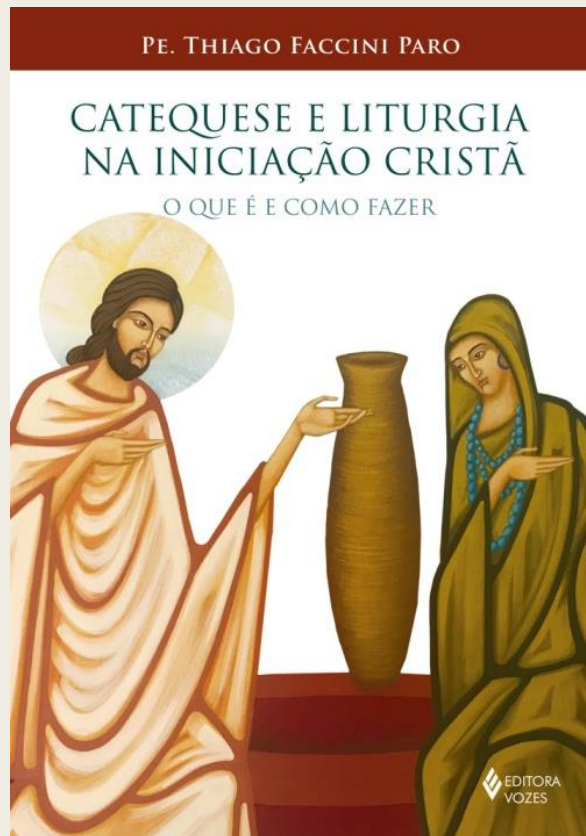
O rito é a representação do mito. Este, por sua vez, funda o rito, em ordem à sua reatualização. Assim, a celebração ritual cristã, desde o tempo dos apóstolos até ao presente (SC 6), prolonga, juntamente com o anúncio da Palavra, a realização da obra da salvação (mito fundador: SC 5).

Do mesmo modo que as escrituras recolhem o anúncio verbal, a liturgia depende da ação salutar. “*In illo tempore*” (quer dizer, no tempo da narrativa mitológica da ação divina representada pelo rito), mito e rito compenetram-se numa mesma e única realidade paradigmática, objetivando-se posteriormente de forma gradual em *escrituras sagradas* e em *liturgias sacramentais* relativamente autônomas, que, no entanto, precisam sempre de ver a sua relação originária restabelecida. Daí a enorme importância das escrituras para a liturgia.



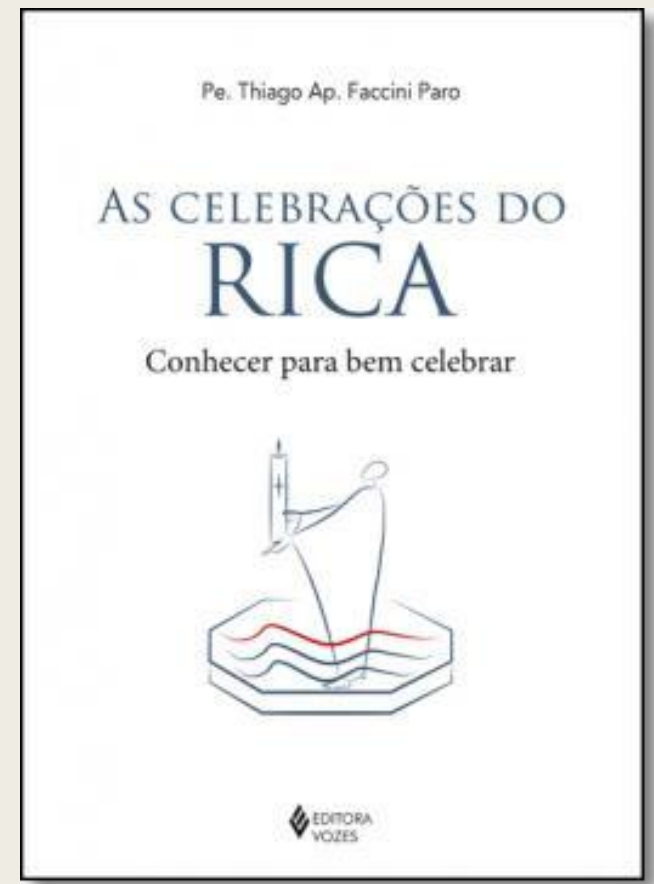
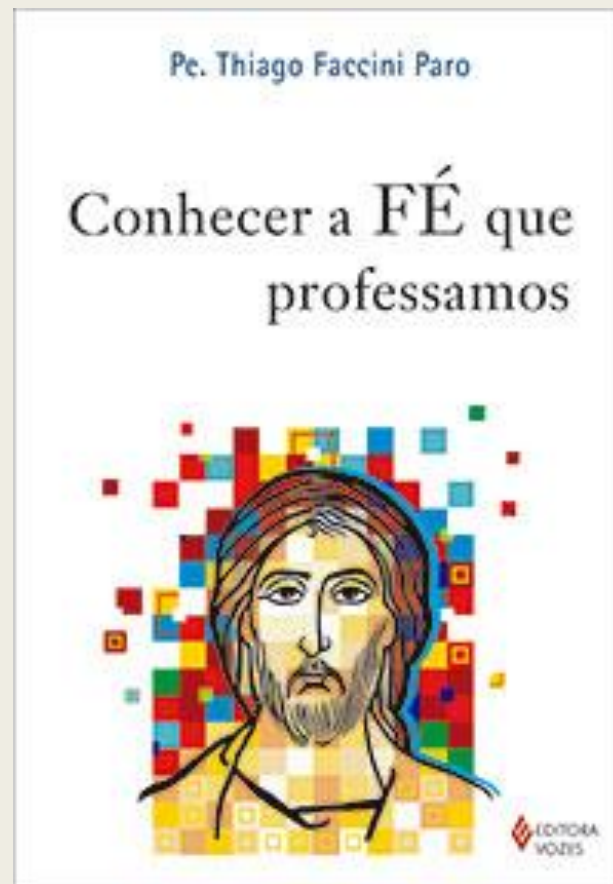


A reunificação simbólica do mito e do rito “num só ato de culto” (SC 56) recria, mais fundamentalmente ainda, a situação original de loquacidade divina e de diálogo com Deus: “na liturgia, Deus fala ao seu Povo e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração” (SC 33).



Pe Thiago Faccini

faccini20@hotmail.com



A person wearing a red coat is shown from the waist down, standing over a wooden chest. They are using a key to unlock a metal latch on the chest. The chest is light-colored wood with dark leather straps and metal hardware. The background is a soft, out-of-focus indoor setting.

OBRIGADO

Organização dos slides: Pe. Geovane Inácio dos Santos, scj